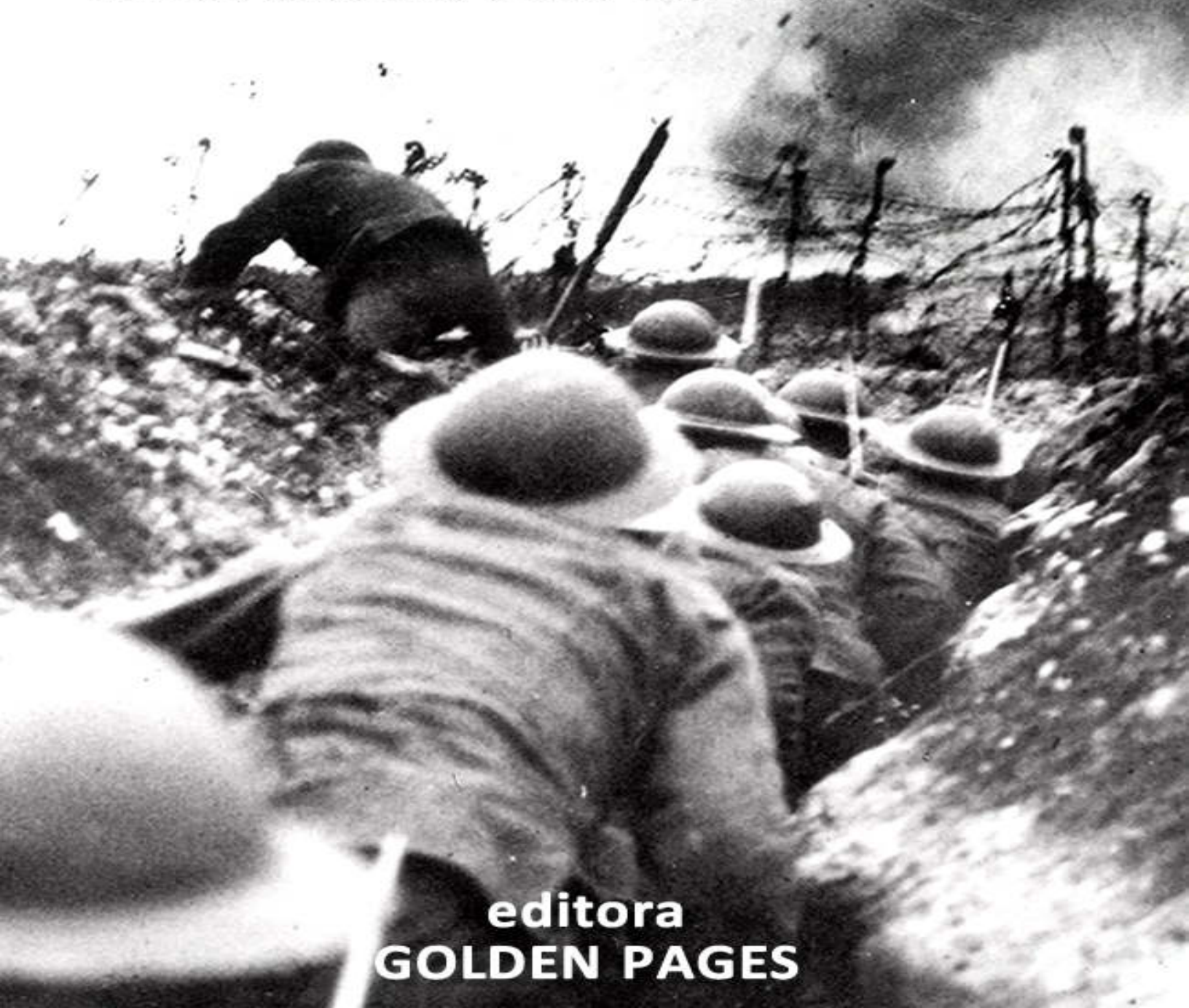


PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL

CONTADA EM 60 MINUTOS



editora
GOLDEN PAGES

A Primeira Guerra Mundial Contada em 60 minutos

Copyright © 2019. Editora Golden Pages.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610/1998.

Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida ou transmitida, sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros. Exceto em casos de autorização prévia por escrito do autor.

OceanofPDF.com

SUMÁRIO

Introdução

Capítulo Um: As Causas da Primeira Guerra Mundial

Capítulo Dois: A Guerra na Europa: A Frente Ocidental

Capítulo Três: A guerra nos Bálcãs e o Império Otomano

Capítulo Quatro: A Guerra no Mundo

Capítulo Cinco: Os Estados Unidos

Capítulo Seis: Rússia e a Guerra na Europa Oriental

Capítulo Sete: O Último Ano da Guerra

Capítulo Oito: A Conferência de Paz de Paris e o Impacto da Primeira Guerra Mundial

Conclusão

OceanofPDF.com

Introdução

A Primeira Guerra Mundial foi chamada de "a guerra para acabar com todas as guerras" por aqueles que passaram por ela. Além de seu significado idealista, isso acontecia porque, quando tudo terminou, poucos podiam acreditar no quanto fora horrível.

A guerra foi verdadeiramente sem precedentes em muitos aspectos, não menos do que foi a sua magnitude. Enquanto se esperava que fosse um curto conflito, a Primeira Guerra Mundial se arrastou de 1914 a 1918.

O número de mortes e lesões severas superou em muito as guerras anteriores, em uma extensão astronômica. Em grande parte, isso se deve a terríveis novas armas destinadas a infligir o máximo de baixas ao inimigo. Além dos que morreram em ação, ou como resultado da guerra, outros milhões morreram de uma pandemia global de influenza de 1918 a 1919. A guerra em si infligiu mais de 38 milhões de feridos, incluindo cerca de 17 milhões de mortes.

Também em grande parte devido ao novo armamento não testado, a escala de destruição de cidades e países inteiros durante a guerra também foi sem precedentes. T. S. Eliot escreveu um poema épico sobre o despertar da Primeira Guerra Mundial chamado “A terra devastada”, e um nome mais apropriado para o que a guerra deixou em seu rastro não podia ser imaginado.

Grande parte da Europa, mas também partes da África e da Ásia estavam em ruínas quando a guerra acabou; pontes, estradas, edifícios, casas e aldeias inteiras estavam em ruínas e precisavam de reconstrução.

Talvez a maior tragédia da guerra, não tenha sido o sofrimento causado enquanto durou, mas a destruição adicional que ela causou nas décadas seguintes.

Imediatamente após a guerra, a Alemanha lutou especialmente para se reconstruir, prejudicada por dívidas da guerra. Dentro de uma década da assinatura do tratado de paz, quase todo o mundo foi mergulhado em uma depressão global. Milhões e milhões perderam suas casas, passaram fome e viveram na pobreza.

Finalmente, a maioria dos historiadores hoje entende a Primeira Guerra Mundial e a Segunda Guerra Mundial não como conflitos separados, mas como eventos inextricavelmente relacionados, preenchidos pelo período entre guerras e pela Depressão global. Em grande parte por causa do acordo de paz após a Primeira Guerra Mundial, surgiram novos governos e ditadores perigosos, incluindo Adolf Hitler na Alemanha e governos totalitários no Japão e na Itália.

De quase todos os modos possíveis, a história da Primeira Guerra Mundial é de tragédia, uma das mais sombrias da humanidade, que ainda levaria o mundo a outra guerra sem precedentes, e milhões de outras mortes, para curar as feridas abertas pela Primeira Guerra Mundial.

Capítulo Um

As Causas da Primeira Guerra Mundial

“Um dia a grande guerra européia sairá de alguma coisa tola nos Balkans.”

—Otto von Bismarck, 1888

A Primeira Guerra Mundial teve muitas causas que abarcaram as esferas social, política, cultural e econômica. No entanto, a maioria dos

historiadores da época reconhece três causas principais: uma corrida armamentista, alianças e o “barril de pólvora da Europa”, referindo-se ao conflito nos Bálcãs.

Durante os séculos XVIII e XIX, especialmente, a Europa experimentou o surgimento dos estados-nação modernos. Foi apenas recentemente, durante os séculos XVIII e XIX, que as fronteiras nacionais se solidificaram e os governos trabalharam para criar um senso de unidade e lealdade entre as pessoas e manter o controle dentro delas. Ao fazê-lo, os governos tornaram-se mais poderosos e as formas como interagiram entre si tornaram-se mais complexas e afetaram a vida de mais pessoas. A solidificação dos estados-nação foi um precursor-chave das causas da Primeira Guerra Mundial.

Embora o processo tenha começado muito antes, no final do século XIX, esses estados-nações poderosos formaram alianças intrincadas entre si. Essas alianças tinham implicações para o comércio, o trabalho e a cultura, mas sua principal importância em relação à Primeira Guerra Mundial significava que, se uma dessas nações fosse à guerra, seus aliados as apoiariam, declarando também guerra contra os combatentes. Portanto, mesmo um pequeno conflito tinha o potencial de entrar em erupção em algo muito maior.

Em 1882, a Tríplice Aliança foi formada. As nações membros da Tríplice Aliança eram a Alemanha (que se tornara apenas uma nação unificada em 1871), a Áustria-Hungria e a Itália.

Os países da Tríplice Aliança estavam profundamente preocupados com os ataques na Península Balcânica (ou nos Bálcãs), que fica no sudeste da Europa, a leste da Península Itálica.

A principal aliança oposta foi a Tríplice Entente, que se tornou oficial em 1907. A Tríplice Entente incluía o Reino Unido da Grã-Bretanha (que incluía a Inglaterra, a Escócia e a Irlanda), a Rússia e a França. Também tinha o Japão e Portugal como membros.

Quando a guerra finalmente eclodiu em 1914, as alianças fizeram com que país após país declarasse guerra uns contra os outros. Antes da guerra, eles também criaram animosidades e outras questões entre os membros, mas as alianças sozinhas não causaram a guerra.

A corrida armamentista, outro fator importante na construção da guerra, ocorreu principalmente entre a Grã-Bretanha e a Alemanha, à medida que as tensões entre os dois aumentavam.

O alemão Kaiser Wilhelm II, que chegou ao poder em 1888, fez disso um grande objetivo para rivalizar com a supremacia naval britânica. A Grã-Bretanha manteve um poder inigualável nos mares praticamente desde que derrotou a Armada Espanhola no século XVI e manteve isso durante todo o século XIX. Assim, a Grã-Bretanha não acolheu o desafio ao seu poder.

Isto foi especialmente crucial porque veio durante a era do imperialismo. A Grã-Bretanha, a Alemanha e outras nações poderosas (principalmente nações européias, mas também o Japão e os Estados Unidos) estavam trabalhando para construir impérios globais massivos, colonizando e controlando muitos lugares ao redor do mundo.

Por razões óbvias, ter uma marinha forte era de importância fundamental. Para a Alemanha e a Grã-Bretanha se engajarem em uma corrida armamentista naval tinha um significado mais profundo, porque também representava uma ameaça aos seus impérios mútuos.

A questão final que levou à eclosão da Primeira Guerra Mundial foi o barril de pólvora da Europa: os Bálcãs. O Império Otomano controlava tradicionalmente a península balcânica, mas este império começara a enfraquecer e a desmoronar-se. A região era extremamente valiosa; perto da África e do Oriente Médio, e no Mar Mediterrâneo, era uma área fabulosamente valorizada para comércio e transporte.

Guerras e conflitos atormentaram a região por décadas. Em 1908, a Áustria-Hungria anexou a Bósnia e Herzegovina, que ameaçava a Sérvia e seu aliado, a Rússia. Outros conflitos ocorreram envolvendo Grécia, Montenegro, Bulgária e Macedônia. As nações maiores da Europa, especialmente os outros membros da Tríplice Aliança e da Tríplice Entente, trabalharam furiosamente para conter cada uma dessas crises, mesmo que se agravassem a cada vez. Essas outras nações reconheceram que manter alguma estabilidade na região era melhor do que nenhuma. No entanto, eles mesmos não seriam capazes de conter a crise que ocorreu em 28 de junho de 1914.

Naquele dia fatídico, o arquiduque austríaco Franz Ferdinand visitou a cidade de Sarajevo na Bósnia. Ferdinand era o herdeiro do trono austríaco na época.

A Bósnia era um local de grande inquietação, causada principalmente por um grupo conhecido como Mão Negra, também chamado de "Unificação ou Morte". Esse grupo era uma sociedade militar secreta, e muitas de suas centenas de membros também eram membros das forças armadas sérvias, cujo objetivo era unir os territórios eslavos.

Esses homens costumavam usar táticas terroristas para atingir seus objetivos e, quando o arquiduque visitou Sarajevo, planejaram assassiná-lo. O plano era explodir o carro de Ferdinand, e uma bomba foi jogada em sua procissão, assim que passou por uma multidão. No entanto, eles não conseguiram matar ou até mesmo ferir o arquiduque, embora tenham infligido ferimentos em outras pessoas.

Mais tarde naquele dia, Ferdinand visitou alguns dos que foram feridos no hospital. Quando ele estava em seu carro sendo saindo daquela visita, um dos atiradores de elite, Gavrilo Princip, por acaso estava em uma rua tranquila, onde o carro do arquiduque virava. Ele aproveitou essa coincidência e atirou e matou Franz Ferdinand e sua esposa, Sophie.

O assassinato do arquiduque Ferdinando desencadeou uma série de eventos que inflamariam grande parte do mundo na guerra. O que se segue é referido pelos historiadores como a Crise de Julho.

Após o assassinato, durante a maior parte de julho, as poderosas nações da Europa manobram e criaram estratégias, em parte para evitar a guerra, mas também para ganhar vantagem se a guerra inevitavelmente eclodisse.

Obviamente, o governo da Áustria-Hungria estava furioso com o assassinato, embora a reação das pessoas fosse visivelmente mais fria. Como o governo austríaco sabia que precisavam dos cidadãos, a guerra não era uma opção imediata.

A Alemanha também começou a se manobrar neste momento, assegurando à Áustria-Hungria que, se declarassem guerra à Sérvia, a Alemanha entraria na guerra a seu lado. Assim, quando as respostas diplomáticas ao assassinato foram iniciadas, elas eram em sua maioria superficiais e quase certamente fadadas ao fracasso. Todas as três nações, Sérvia, Áustria-Hungria e Alemanha, começaram a se preparar para a guerra, e em 28 de julho, um mês depois do assassinato, a Áustria-Hungria declarou oficialmente guerra à Sérvia.

Em grande parte por causa das alianças em vigor, o resto da Europa caiu rapidamente. Em 29 de julho, a Rússia começou a se mobilizar contra a Áustria-Hungria em apoio à Sérvia, embora a Sérvia não fizesse parte da Tríplice Entente; eles eram aliados da Rússia.

Isso causou mais crises, pois o Kaiser Wilhelm II tentou convencer o czar russo Nicolau II - os dois estavam realmente relacionados - a adiar o apoio à Sérvia. A Rússia recusou e, em 1º de agosto, a Alemanha declarou guerra à Rússia.

Quando a Alemanha e a Rússia estavam em guerra, a Alemanha estava preocupada com seu vizinho ao lado: a França. Eles esperavam que a

França permanecesse neutra, mas quando ela começou a se mobilizar, a Alemanha declarou guerra no dia 3 de agosto.

Apenas um dia depois, eles declararam guerra à Bélgica quando os belgas se recusaram a deixar as tropas alemãs atravessarem suas fronteiras a caminho da França. Em resposta à violação dos direitos da Bélgica, a Grã-Bretanha declarou guerra à Alemanha naquela mesma noite.

E assim, menos de cinco semanas após o assassinato do arquiduque Franz Ferdinand, a maioria da Europa estava em guerra. Muitas pessoas previram que a guerra seria brutal, mas ninguém poderia imaginar os horrores que se seguiriam.

Capítulo Dois

A Guerra na Europa: A Frente Ocidental

“A Grande Guerra diferiu de todas as guerras antigas no imenso poder dos combatentes e seus agentes de destruição, e de todas as guerras modernas na total crueldade com que foi travada.”

—Winston Churchill

Fiel ao seu nome, a Primeira Guerra Mundial foi uma guerra global. Batalhas e outros eventos aconteceram em todo o mundo. No entanto, muitos dos combates e muitas das batalhas importantes ocorreram na Frente Ocidental.

Os combates na Europa Ocidental começaram em agosto de 1914, quase tão logo a guerra foi declarada. A Alemanha imediatamente partiu para a ofensiva. Primeiro, invadiram e ocuparam a pequena nação de Luxemburgo.

Colocando o Plano Schlieffen em ação, um dos vários planos que eles haviam planejado no caso de uma guerra entre as alianças, eles tentaram invadir a França através da Bélgica em 4 de agosto. Isso levou a Grã-Bretanha a declarar guerra contra a Alemanha como mencionado acima.

Embora a Bélgica fosse um país neutro quando a Alemanha invadiu, eles não ficaram parados ou deixaram os alemães passarem sem lutar. No cerco de Liège, os belgas conseguiram segurar os alemães por várias semanas. No entanto, por causa da artilharia pesada alemã, a cidade acabou por cair, e os alemães tomaram a capital belga de Bruxelas em 20 de agosto. Poucos dias depois, a Alemanha ocupou e controlou a maior parte da Bélgica.

Enquanto o exército alemão se movia pela Bélgica, infligiram grande destruição e morte. No que foi chamado de "Estupro da Bélgica" por jornais contemporâneos, os alemães incendiaram prédios, casas e destruíram toda

infraestrutura do país. Além disso, eles assassinaram ou feriram muitos civis. Seu comportamento durante essa fase inicial da guerra serviria para galvanizar a opinião pública contra a Alemanha no resto do mundo; certamente para os Aliados, mas também para os Estados Unidos.

Os franceses sabiam que a Alemanha estava se movendo através da Bélgica em direção às suas fronteiras. Assim que a Alemanha executou o Plano Schlieffen, a França pôs em marcha suas pré-planejadas para a guerra em 7 de agosto. Eles tinham a intenção de tomar o território de Alsácia-Lorena em sua fronteira com a Alemanha. Os combates que se seguiram entre a Alemanha e a França foram brutais e os alemães causaram grande destruição ao interior da França.

Uma vez que os alemães conseguiram atravessar a Bélgica e entrar na França, a luta novamente ocorreu na Batalha das Fronteiras, no leste da França e no sul da Bélgica. Forças britânicas juntaram-se aos franceses durante esta campanha, e apesar de poderem resistir aos alemães, eles foram forçados a recuar e se moveram para ajudar a defender Paris, a capital francesa. Embora pareça que a Alemanha estava obtendo vitória após vitória durante esses primeiros estágios da guerra, os Aliados ainda viram alguns sucessos.

De fato, eles forçaram a Alemanha a lutar tanto que, mais adiante, vitórias mais decisivas não seriam possíveis para a Alemanha.

Assim como dominaram a Bélgica ao capturar a capital de Bruxelas, os alemães estavam avançando em Paris e se aproximaram. Eles perseguiram tropas francesas e britânicas após a Batalha das Fronteiras enquanto corriam para proteger a capital francesa. Então, a 70 quilômetros da cidade, em 6 de setembro, ocorreu a Primeira Batalha do Marne. Essa luta durou quase uma semana e começou quando forças francesas e britânicas tentaram explorar uma falha no modo como os alemães estavam usando suas tropas ao longo do rio Marne.

Houve três grandes eventos nesta luta: a Batalha de Ourcq, de 5 a 9 de setembro; a Batalha dos Dois Morinos, de 6 a 9 de setembro; e a Batalha dos Saint-Gond Marshes, de 6 a 11 de setembro.

Como o Germanarmy não conseguiu avançar em Paris e recuou para o noroeste, a batalha é considerada uma vitória aliada, embora ambos os lados tenham sofrido pesadas baixas.

Outro resultado extremamente prejudicial da Batalha do Marne é que ele iniciou uma guerra de trincheiras, uma forma de luta que contribuiria para a longa e alta taxa de mortalidade da Primeira Guerra Mundial.

Os alemães recuaram em direção ao rio Aisne, onde a Primeira Batalha do Aisne ocorreu de 13 a 28 de setembro. Quando chegaram, cavaram-se em profundas trincheiras no chão. A idéia era que esses aterros forneceria proteção contra exércitos inimigos, permitindo que os alemães disparassem metralhadoras e usassem outras artilharias pesadas. Eles também ergueram cercas de arame farpado para se protegerem de um avanço direto.

No entanto, a fim de proteger-se igualmente contra a artilharia alemã, os aliados que perseguiram os alemães em retirada também cavaram trincheiras. Ambos os lados estavam entrincheirados um contra o outro. O estilo de guerra, portanto, tornou-se o das armadas saindo de suas trincheiras contra o fogo pesado de um inimigo bem fortificado. Em vez de ganhar cidades ou quilômetros, na Primeira Guerra Mundial, os exércitos opostos estavam lutando por meros centímetros. A guerra diminuiu para um impasse duro e pesado.

Para piorar a situação, a construção do sistema de vala não estava contida em uma pequena área. Em vez disso, ambos os exércitos se envolveram na corrida para o mar de 17 de setembro a 19 de outubro. Foi exatamente o que parece; em uma tentativa de superar e manobrar o outro, bem como cortar o acesso do outro lado a preciosos recursos naturais e linhas de suprimento, tanto os alemães quanto os aliados correram, perseguiram e às vezes lutavam entre si, ao norte Mar.

O resultado foi um sistema elaborado de trincheiras que atravessam a Europa Ocidental, onde nenhum dos lados conseguiu ganhar muito, mas acabou perdendo um número incrível de homens.

Assim, à medida que surgia o ano de 1915, os dois lados começavam a perceber que, apesar da cuidadosa conspiração, a guerra não terminaria rapidamente; os planos de guerra que ambos os lados colocaram em ação não conseguiram obter a vitória. Batalhas de menor escala foram travadas em toda a frente ocidental em 1915, inclusive em Champagne e Loos no final do ano. Mas com pouco progresso sendo feito, ambos os lados decidiram considerar opções alternativas para fazer progresso.

Um desses novos métodos de guerra envolvia uma tecnologia ainda nova: os aviões. Aviões equipados com metralhadoras foram usados pela primeira vez em 1915 e foram relativamente eficazes. O uso de aviões exacerbou a corrida armamentista que havia começado muito antes da guerra eclodir.

Porém o uso de aviões foi mais eficaz na espionagem do que na luta real; ambos os lados puderam ver e fotografar atrás das linhas inimigas, dando-lhes uma visão sem precedentes em guerras anteriores.

Outro dos novos métodos de guerra - guerra química - teria efeitos devastadores em ambos os lados, muito mais do que o uso de aviões. Os alemães foram os primeiros a usar a guerra química contra os britânicos na Batalha de Ypres, em abril de 1915. Isso foi feito mesmo contra acordos anteriores que os proibiam. Em 1899 e 1907, a Grã-Bretanha e a Alemanha assinaram tratados que proibiam o uso de armas químicas.

Quando a Alemanha usou o gás pela primeira vez em Ypres, foi eficaz não só devido ao seu perigo inerente, mas também porque amedrontou as tropas britânicas, muitas das quais fugiram. No entanto, em um erro fatal, a Alemanha não explorou esse sucesso com todo o seu potencial; eles

poderiam ter perseguido as tropas em fuga e usado seu medo, mas não o fizeram. Tentativas subsequentes no futuro próximo para causar o mesmo efeito foram malsucedidas.

Ambos os lados trabalharam para usar a guerra química a seu favor para quebrar o impasse. No entanto a tecnologia de todos oponentes era similar, permitindo criar armas químicas eficazes, bem como novas defesas.

Assim, a guerra química não forneceu uma vantagem decisiva para nenhum dos lados. No entanto, como muitos aspectos da Primeira Guerra Mundial, foi incrivelmente destrutivo.

Em 1917, ambos os lados usavam o infame gás mostarda. O gás mostarda é o que muitos pensam quando falam de guerra química na Primeira Guerra Mundial. Não só era perigoso durante um ataque inicial, mas podia durar dias, causando lesões de pele e queimaduras, irritação, cegueira nos olhos e problemas respiratórios, que muitas vezes levava a uma morte lenta e muito dolorosa.

Como dito, a guerra química fez pouco para avançar em ambos os lados da guerra, e o impasse continuou. O impasse foi tão teimoso que poucas batalhas decisivas ocorreram na frente ocidental durante a guerra. No entanto, em 1916, duas batalhas aconteceram na Frente Ocidental: a Batalha de Verdun e a Batalha do Somme.

A batalha real de Verdun ocorreu em fevereiro, embora tecnicamente permanecesse durante o verão. Os alemães avançaram na cidade de Verdun, no nordeste da França, no começo daquele ano. Porém progrediram apenas um pouco visto que aquela não era uma cidade importante, não esperavam que os franceses se apegassem a ela.

No entanto, os alemães mais uma vez subestimaram seu inimigo, assim como fizeram com os belgas. Lutas violentas irromperam sobre a cidade e, embora os alemães tenham conseguido capturar um forte próximo em 28 de fevereiro, os franceses ainda mantinham Verdun.

A luta continuou no verão. Na primavera, parecia que os alemães poderiam ter uma vantagem, já que os fortes mais perto de Verdun mudaram de mãos. Contudo, sem se deixar intimidar, os franceses começaram um avanço, muito lento, durante o verão e, no final do ano, empurraram os alemães para trás e retomaram quase tudo que haviam perdido.

Como a luta era lenta e equilibrada, as baixas na Batalha de Verdun eram altas. Cerca de 300.000 pessoas foram mortas, com mais do que o dobro de feridos.

Mais do que números absolutos, a Batalha de Verdun passou a simbolizar grande parte da guerra. Pôs um agressor excessivamente confiante contra um inimigo determinado. De fato, sua determinação e dedicação, na batalha tornaram-se motivo de orgulho para os franceses.

Também representava as vidas lentas, brutais e caras - de vidas e recursos - a natureza da guerra. Todas essas coisas também contribuiriam para a duradoura animosidade entre as nações no pós-guerra.

A Batalha do Somme, a maior batalha da Frente Ocidental da guerra, também foi muito sangrenta. Na verdade, os britânicos sofreram o maior número de baixas - 57.000 - em um único dia.

Aconteceu ao longo do rio Somme, ao norte de Paris, e durou desde o início de julho até meados de novembro.

Os britânicos assumiram a liderança na Batalha do Somme, principalmente porque as tropas russas e francesas estavam sobrecarregadas e exaustas. Os britânicos lançaram o ataque inicial, que foi em grande parte sem sucesso.

No entanto, graças ao uso aprimorado das aeronaves, eles voltaram no final do verão, e seu impulso continuou durante o outono. Eventualmente, os britânicos e seus aliados foram bem-sucedidos em empurrar os alemães de volta.

A Batalha do Somme, como a Batalha de Verdun, também foi significativa por outras razões. Primeiro, causou um grande número de vítimas. Para os britânicos, mais de 400.000 homens foram mortos ou feridos, já os franceses sofreram 200.000 baixas, enquanto os alemães sofreram pelo menos 400.000. No total, mais de um milhão de pessoas foram mortas ou feridas nesta única batalha.

Foi também a primeira batalha onde se viu o uso de tanques de guerra. Os britânicos usavam tanques contra as trincheiras e fortalezas alemãs e o uso dessa nova tecnologia aumentaria durante a guerra. Além disso, os alemães mudaram suas táticas da Frente Ocidental enquanto chegavam ao ano de 1917.

Eles reconheceram que as perdas massivas de vida e recursos em Verdun e Somme não valeram a pena, especialmente à luz do pouco atrito do território. Por isso, decidiram concentrar seus esforços em outras frentes no próximo ano e ficar na defensiva na Frente Ocidental, pelo menos temporariamente.

Isso mudou a natureza da guerra, pois os britânicos estavam agora mais aptos a lançar ofensivas na Europa Ocidental. E com a entrada dos Estados Unidos se aproximando, o lado do país se transformou, ainda que ligeiramente, na Frente Ocidental no final de 1916.

Enquanto isso, a Alemanha estava pronta para sair da guerra. Eles estavam exaustos de lutar em Verdun e decidiram tentar negociar a paz com os Aliados. O presidente dos Estados Unidos, Woodrow Wilson, atuou como mediador entre os dois lados. No entanto, no início de 1917, ficou claro que

eles não conseguiriam chegar a um acordo mútuo, e esses esforços foram abandonados. A guerra continuaria por quase mais dois anos.

OceanofPDF.com

Capítulo Três

A guerra nos Bálcãs e o Império Otomano

"A transformação do mundo islâmico em uma revolução, como Sua Majestade desejava, estava em preparação há algum tempo e não havia sido posta em prática."

—Enver Pasha, Ottoman leader, 1914

Embora as Potências Centrais, como vieram a ser chamadas, incluíssem não apenas a Alemanha, mas também a Áustria-Hungria, Bulgária e o Império Otomano, e embora o primeiro país a declarar guerra fosse a Áustria-Hungria, a Alemanha rapidamente se tornou o principal combatente inimigo contra os Aliados na Primeira Guerra Mundial.

Como a formação de alianças e a corrida armamentista estavam em andamento há anos, as nações da Europa também se preparavam para a guerra de outras formas.

A maioria tinha planos de como desdobrar tropas se a guerra surgisse. Apesar de muito planejamento ter sido feito, acabou causando mais confusão. A Áustria-Hungria achava que a Alemanha forneceria defesa ao longo da fronteira russa, mas os alemães estavam muito mais preocupados com a França e, em vez disso, colocaram seu plano contra a França em ação imediatamente.

Assim, embora a Áustria-Hungria tenha iniciado a Primeira Guerra Mundial declarando guerra contra a Sérvia, eles foram forçados a desviar muitas de suas tropas e grande parte de seus recursos para o norte da Europa contra a Rússia.

Isso não significava que a Áustria-Hungria não tenha focado muito sua luta na Sérvia, e também não significava que a guerra nos Bálcãs não era importante. Pelo contrário, os eventos nos Bálcãs tiveram um enorme impacto no resultado da guerra.

Especialmente comparado a uma potência como a Áustria-Hungria, a Sérvia era pequena em 1914; suas forças armadas não deveriam ter sido uma partida contra seu inimigo. Mas os sérvios foram ferozmente dedicados. Enquanto a maioria não era membro da Mão Negra, a prevalência dessa organização dentro das forças armadas mostra o quanto determinados eram os sérvios para defender a si mesmos e suas casas.

Os austro-húngaros, por outro lado, subestimaram seus oponentes sérvios, da mesma maneira que a Alemanha fez no início da guerra com a Bélgica. Eles esperavam uma vitória rápida e fácil, mas não foi isso que conseguiram.

Nas batalhas de Cer e Kolubara, em agosto de 1914, eles foram empurrados pelos sérvios e sofreram pesadas baixas. Isso preparou o cenário para o quanto da luta na Sérvia se desdobraria.

Os esforços dos austro-húngaros nos Bálcãs também foram prejudicados pelo fato de que grande parte de seus militares foi desviada para combater os russos.

Durante a maior parte de 1915, eles não progrediram na Sérvia até que eles e os alemães persuadiram os búlgaros a se juntarem à luta. Os búlgaros, junto com as tropas austro-húngaras e outros, formaram uma força de cerca de 600 mil homens e atacaram a Sérvia novamente em meados de outubro. Dentro de um mês, a Sérvia caiu para as Potências Centrais, apesar da luta feroz que eles mais uma vez travaram.

No entanto, isso não impediu as tropas sérvias remanescentes de lutar. Muitos deles fugiram para a Grécia depois da queda do seu país, onde continuaram a lutar ao lado dos Aliados.

A própria Grécia era território contestado. O rei grego Constantino era um simpatizante alemão, embora o governo eleito favorecesse os aliados. Essas divisões foram refletidas nas lealdades do povo grego; tanto assim que o país se dividiu e eclodiram distúrbios civis, inclusive na capital de Atenas.

Eventualmente, o país foi separado, mas quando o rei renunciou e seu filho assumiu o trono em 1917, a Grécia se reuniu. Nesse ponto, os gregos entraram na guerra do lado dos Aliados.

Havia várias outras frentes no sul da Europa e nos Balcãs na Primeira Guerra Mundial, mas no final da guerra, elas se tornaram menos importantes do que a guerra na Frente Ocidental.

Em setembro de 1918, os búlgaros foram derrotados na Batalha do Dobro Pole, e a Alemanha estava fraca demais para dar mais ajuda. Os eventos nos Balcãs foram muitas vezes uma distração para ambos os lados e ambos desviaram tropas e recursos que impactaram a guerra em outros lugares. Ambas as partes estavam preocupadas com os resultados nos Balcãs, e a guerra prosseguia sem previsão de um fim.

O Império Otomano foi outro ator importante na Primeira Guerra Mundial e, no final, esse império, que existia há mais de 500 anos, foi dissolvido. Como tantos outros países, os otomanos entraram na guerra por causa de uma aliança. Eles compactuaram com a Alemanha para declarar guerra, caso a Rússia e a Alemanha lutassem entre si.

Quando isso aconteceu em outubro de 1914, os otomanos se juntaram às Potências Centrais declarando guerra à Rússia. Este evento também

inspirou os britânicos e franceses, aliados dos russos, a declarar guerra ao Império Otomano.

A participação otomana na guerra muitas vezes acontecia fora da Europa. Um dos mais importantes eventos envolvendo os otomanos foi a Campanha de Gallipoli.

Gallipoli está localizado no lado europeu da Península Turca. As forças que lutavam ali, no entanto, eram mais globais, pois as tropas da Austrália e da Nova Zelândia estavam fortemente engajadas com os Aliados.

As hostilidades na Campanha de Gallipoli começaram em abril de 1915 e duraram até janeiro de 1916. Esta foi uma ofensiva aliada que deveria proteger a rota marítima da Rússia e capturar a capital otomana, Constantinopla (atual Istambul).

Era ambicioso e falhou. Até hoje, embora o Império Otomano tenha caído após a Primeira Guerra Mundial, o povo turco reconhece a capacidade que eles tiveram em defender essa importante cidade como uma de suas maiores vitórias militares.

Ambos os lados, mas os Aliados, em particular, sofreram pesadas baixas. Em janeiro, as diversas forças aliadas recuaram para o Egito.

Outra área em que os otomanos estavam muito envolvidos era a Mesopotâmia. Esta foi outra ofensiva aliada contra as Potências Centrais, principalmente os otomanos.

Em parte, essas campanhas no exterior foram lançadas para impedir que os otomanos e outros ajudassem a Alemanha e a Áustria-Hungria na Europa;

em essência, para distrair os otomanos dos eventos na Europa.

Na Mesopotâmia, ambos os lados exploraram alianças locais entre os povos do Oriente Médio também. Os otomanos recrutaram tribos curdas, enquanto os britânicos e outros aliados trabalhavam com árabes e assírios.

Inicialmente, os aliados perderam na Mesopotâmia. Os otomanos derrotaram as forças britânicas na Primeira Batalha de Kut, localizada ao sul de Bagdá, que durou de dezembro de 1915 a abril de 1916. Após o conflito, os otomanos prenderam muitos dos sobreviventes aliados em Aleppo e centenas morreram em condições terríveis.

Apesar desta perda devastadora em Kut, os britânicos voltaram a derrotar os otomanos e capturar a cidade estrategicamente importante de Bagdá em 1917.

Os combates eclodiram entre os otomanos e aliados em outras partes do Oriente Médio também. No final de 1914, os otomanos invadiram a Pérsia, rica em petróleo (atual Irã), que estava em grande parte, embora não oficialmente, sob controle britânico.

Os otomanos lutaram contra os ingleses até 1918 e contra os russos até 1917 e acabaram sendo derrotados. Ao longo desses anos, eles não obtiveram ganhos significativos nessa região.

Mais uma vez, ambos os lados exploraram rivalidades tribais locais. É importante ressaltar que os otomanos também ameaçaram o Canal de Suez, que era vital para o Império Britânico e seus interesses econômicos.

Este canal ligava o Mar Mediterrâneo ao Mar Vermelho através do Egito. No entanto, os otomanos não tiveram sucesso e sofreram perdas

importantes para forças egípcias e australianas em 1915, 1916 e 1917 em suas tentativas de controlá-lo.

Finalmente, os otomanos lutaram contra os russos no Cáucaso russo. Os russos foram vitoriosos, na maior parte, e mantiveram os otomanos à distância.

No entanto, em 1917, depois que a Revolução Russa eclodiu e o czar Nicolau abdicou, o controle aliado se desfez, não apenas no Cáucaso, mas também em outros lugares onde os russos lutaram contra os otomanos. Os russos fizeram grande parte da luta pelos Aliados na Frente Oriental. Embora eles não tenham enfrentado um impasse como o que ocorreu no Ocidente com a guerra de trincheiras, os russos foram amplamente malsucedidos no leste, o que significa que as Potências Centrais ganharam mais controle na Europa Oriental.

O povo russo ficou cada vez mais insatisfeito com o modo como o governo lidava com a guerra, tanto em casa quanto no exterior.

Embora as questões que levaram à Revolução Russa em 1917 fossem complexas e certamente existissem antes do início da guerra, esse descontentamento era uma importante causa precipitante da revolução.

As perdas no leste só terminaram com a saída antecipada dos russos da guerra.

A Primeira Guerra Mundial engoliu praticamente toda a Europa em confrontos sangrentos. No entanto, a guerra não foi contida apenas na Europa. Como veremos, os combates também chegaram na África e na Ásia, com combatentes de dezenas de nações.

Capítulo Quatro

A Guerra no Mundo

“Que diferença faz aos mortos, aos órfãos e aos sem-teto, se a destruição é feita sob o nome de totalitarismo ou no santo nome da liberdade ou da democracia?”

—Mahatma Gandhi

Como vimos, os otomanos combateram as forças aliadas em várias partes da Europa, Oriente Médio, África e áreas circunvizinhas.

Embora os principais combatentes da guerra fossem europeus, e apesar de muitos combates terem ocorrido em solo europeu, os combates também impactaram e envolveram asiáticos, indianos e africanos.

A maior parte do subcontinente indiano ainda estava sob controle colonial britânico durante a Primeira Guerra Mundial e, como muitos que viviam sob colonização, a maioria desejava ser independente. A Alemanha não só entendeu esse fato, mas também quão importante, economicamente, a Índia era para a Grã-Bretanha.

Por isso, tentaram explorar o desejo indiano de independência em benefício próprio, instigando a rebelião e tentando obter apoio para as Potências Centrais na Índia.

Porém suas tentativas falharam quase que inteiramente. Enquanto o Congresso Nacional Indiano queria usar a guerra a seu favor em busca de maior controle e liberdade da Grã-Bretanha, eles não desejavam fazê-lo ajudando a Alemanha na guerra. Ao invés disso, eles escolheram trabalhar dentro da situação em que se encontravam, apoiando os britânicos.

Eles esperavam que sua ajuda fosse recompensada com independência ou, pelo menos, com um governo maior.

O apoio da Índia se mostrou crucial para vencer a guerra.

Quase um milhão de soldados indianos serviram na guerra, a maioria deles participando dos combates no Oriente Médio. Além disso, a Índia forneceu suprimentos, comida e munição para os britânicos e seus aliados. Grande parte de sua economia se voltou para a produção em tempo de guerra.

Fiel ao seu plano, eles esperavam ser recompensados com a independência, no entanto, os britânicos não o fizeram.

A frustração da Índia no rescaldo da guerra alimentou o movimento de independência que durou todo o início do século XX, onde finalmente conseguiu sua liberdade.

Mohandas K. Gandhi foi a figura mais famosa a emergir deste movimento.

Embora nenhuma batalha tenha sido travada na Índia durante a Primeira Guerra Mundial, outras partes do mundo viram derramamento de sangue.

O conflito em outros países asiáticos era muitas vezes terrível. A maior parte dessa luta foi naval e ocorreu no início da guerra. Tal como aconteceu com a Índia, muitas das ilhas do Pacífico foram ocupadas por potências coloniais, de modo que quando os combates eclodiram na Europa, os países se mobilizaram para tomar posse de seus inimigos.

Como fizeram na África, os Aliados queriam distrair a Alemanha de lutar na Europa e ameaçar sua segurança econômica a longo prazo, tirando suas colônias. Na Ásia, os aliados foram em grande parte bem-sucedidos. A mais importante foi no cerco de Tsingtao na China, mas outras vitórias também ocorreram em outros lugares. O fato de que a maior parte da apreensão de território nessa parte do mundo era naval, significava que as baixas eram relativamente poucas.

Com a exceção de alguns landbattles (inclusive Tsingtao), muitas partes do Pacífico da Alemanha e Áustria-Hungria se renderam aos Aliados com pouco ou nenhum combate.

O confronto também ocorreu na África. Mais uma vez, grande parte da África estava sob domínio colonial e, assim, foi imediatamente atraída para a guerra. A Alemanha havia trabalhado para colonizar a África durante o final do século XIX. Nesse processo, porém, eles concentraram seus militares não em defender-se contra-ataques externos, mas em controlar a população interna das áreas que ocupavam e impedir a rebelião contra o controle colonial. Portanto, a Alemanha não estava bem preparada para defender suas colônias africanas contra a Grã-Bretanha ou as outras nações aliadas.

Em agosto de 1914, a Campanha de Togoland na África Ocidental foi lançada pelas forças britânicas e francesas, e a Alemanha perdeu a colônia. A Alemanha também foi derrotada na campanha Kamerun, que durou de 1914 a 1916, e perdeu outras propriedades coloniais na Campanha do Sudoeste Africano de 1914 a 1915.

As colônias alemãs não eram as únicas sitiadas na África, embora a luta na África tivesse um impacto negativo na Alemanha mais do que em qualquer outra nação. A luta também começou no Marrocos, um protetorado francês. O que veio a ser conhecido como a Guerra do Zaian durou de 1914 até 1921, três anos após o fim do armistício e dois anos após a Primeira Guerra Mundial.

Durante os anos de guerra, as Potências Centrais apoiaram o povo rebelde Zaian, mas não participaram diretamente da luta. Os franceses conseguiram agarrar-se ao seu território, mas a um grande custo que impactou sua capacidade de lutar em outras partes do mundo.

Certamente, um golpe na sustentabilidade econômica futura da Alemanha foi um dos principais objetivos dos Aliados. Isso forçou a Alemanha a dividir suas forças armadas e desviou alguma atenção e recursos da guerra na Europa. Embora isso também seja verdade para alguns dos Aliados, especialmente a França, não teve o impacto que aconteceu na Alemanha. Tornou-se um fator pelo qual os Aliados venceram a guerra.

Embora a maioria dos conflitos significativos tenha ocorrido no oeste e no norte da Europa e nos Bálcãs, a maior parte da Europa foi engolfada na Primeira Guerra Mundial. Houve disputas importantes na Itália e na Romênia.

Originalmente, os italianos faziam parte da Tríplice Aliança. No entanto, eles desejavam território controlado pela Áustria-Hungria e, portanto, quando a guerra estourou, eles encontraram o caminho para sair da Tríplice Aliança e lutaram com os Aliados.

Os italianos não tiveram muito sucesso na guerra. Eles ganharam pouco terreno e perderam contra os austro-húngaros em várias batalhas. Talvez sua maior contribuição tenha sido a abertura de mais uma frente que distraiu as Potências Centrais, incluindo a Alemanha, que estava envolvida na luta contra os italianos no final da guerra. Naquela época, a Itália ganhou alguns dos territórios austro-húngaros que desejavam.

Como a Itália, a Romênia fazia parte das Potências Centrais. Eles declararam neutralidade quando a guerra começou, mas eles também se juntaram aos Aliados quando lhes foi prometida alguma terra da Áustria-Hungria. Eles lutaram ao lado dos russos em sua maior parte e venceram algumas batalhas iniciais que foram prejudiciais às Potências Centrais.

No entanto, o fato de que eles lutaram com os russos significava que quando os russos assinaram seu tratado depois que a Revolução Russa eclodiu, a Romênia também foi forçada a fazer aberturas de paz. Eles

pararam de lutar até o final de 1917 e assinaram um tratado de paz em maio de 1918.

A Primeira Guerra Mundial foi uma guerra global - esse fato foi repetido várias vezes aqui, porque é importante enfatizar esse ponto. Até mesmo o material abordado neste capítulo é apenas a ponta do iceberg. Tropas de muitos outros países contribuíram para a guerra de ambos os lados, e os combates ocorreram em muitos, muitos lugares. Nenhum canto do mundo não foi afetado pela Primeira Guerra Mundial.

OceanofPDF.com

Capítulo Cinco

Os Estados Unidos

“Neutralidade é uma palavra negativa. Não expressa o que a América deveria sentir. Nós não estamos tentando evitar problemas; estamos tentando preservar as bases sobre as quais a paz pode ser construída”.

—Woodrow Wilson

A impressão popular dos Estados Unidos durante a Primeira Guerra Mundial é a seguinte: os Estados Unidos eram isolacionistas nos anos que antecederam a guerra, o que significa que se envolviam o menos possível nos assuntos externos, mantendo-se sozinhos.

Quando a guerra eclodiu, eles evitaram o envolvimento pelo maior tempo possível, até que ações agressivas dos alemães os forçaram a entrar na guerra. Isso não é inteiramente factual; na verdade, é principalmente errado.

Ao contrário da maioria das nações ocidentais da Europa, os Estados Unidos não aderiram a alianças formais nas décadas anteriores à eclosão da Primeira Guerra Mundial. Ainda assim, não eram isolacionistas.

Durante essas décadas, os Estados Unidos estavam ocupados tentando forjar um império global para rivalizar com os das potências européias. Eles entraram em guerra com a Espanha em 1898 sobre a independência de Cuba, onde ganharam Guam e Porto Rico no processo.

Eles se envolveram na China, na construção do Canal do Panamá e nos assuntos do Caribe. É importante entender essa falta de isolacionismo para compreender as ações dos Estados Unidos nos primeiros anos da guerra.

Eles estavam mais preocupados em proteger seus interesses do que qualquer outra coisa; inicialmente, isso significava ficar fora da guerra.

Outro equívoco comum sobre os Estados Unidos durante este período é que eles permaneceram neutros após o início da guerra na Europa. Na verdade, eles não ficaram.

Muito antes de declarar guerra, os Estados Unidos não eram neutros. Enquanto não participaram inicialmente da luta, eles apoiaram os aliados desde o início. Havia inúmeras razões para isso, não menos do que era cultural. Os Estados Unidos se identificaram como descendentes da Grã-Bretanha; era também de língua inglesa, e isso era um fator importante. Eles também ficaram revoltados com o comportamento alemão durante o estupro da Bélgica nos primeiros meses da guerra. Assim, desde o início da guerra, os Estados Unidos apoiaram os Aliados e venderam os suprimentos que lhes deram uma vantagem.

Por que os Estados Unidos ficaram fora dos combates por tanto tempo? Havia muitas razões para essa decisão.

Uma das mais importantes era que a maioria do povo americano não queria ver seu país ir à guerra, por razões óbvias. Eles sentiram que esta não era a sua luta. Foi um conflito europeu, principalmente sendo travado pelas fronteiras européias. Eles achavam que os americanos não precisavam morrer para resolver essa luta. Os Estados Unidos também não precisaram gastar dinheiro na guerra na Europa. Além disso, era possível que os Estados Unidos tivessem acabado do lado perdedor, o que colocaria em risco suas propriedades coloniais e outras propriedades. Não houve nenhum favorito nos primeiros anos da guerra. Finalmente, vários políticos americanos foram eleitos com discursos anti-guerra. O mais notável entre eles foi o Presidente Woodrow Wilson, que foi reeleito em 1916 com o slogan “Ele nos manteve fora da guerra”.

No entanto, dentro de um ano da reeleição de Wilson, a América abandonaria a neutralidade e declararia guerra à Alemanha e seus aliados.

Três principais questões e eventos levaram os Estados Unidos a entrar na Primeira Guerra Mundial.

O primeiro foi estratégico; De passagem, o presidente Wilson queria ter uma mão na paz. Ele sabia que as fronteiras coloniais mudariam e o poder global estaria em disputa, e ele queria que os Estados Unidos fizessem parte desse processo que moldaria os eventos nos próximos anos.

Nem todas as intenções de Wilson eram egoístas, no entanto. Ele tinha alguns objetivos altruístas em se envolver na guerra, a fim de dirigir a paz. Ele tinha idéias distintas sobre como evitar mais guerras e como "tornar o mundo seguro para a democracia", segundo suas próprias palavras.

Wilson tinha profundas crenças, enraizadas no cristianismo, de que os Estados Unidos deveriam ser um farol para o resto do mundo.

A segunda causa que levou os Estados Unidos a entrar na Primeira Guerra Mundial foi a guerra submarina irrestrita.

Especificamente, a Alemanha usava submarinos, então chamados U-boats, para afundar navios americanos ou estrangeiros transportando mercadorias e cidadãos americanos.

Na realidade, os alemães estavam afundando esses navios porque a Alemanha suspeitava, corretamente, que eles estavam secretamente carregando armas dos Estados Unidos para os Aliados. No entanto, isso pouco importava para o povo ou os políticos americanos.

Wilson avisou a Alemanha que os ataques U-boat continuados forçaria a América a abandonar a sua posição neutra; para a Alemanha, os americanos já tinham abandonado há tempos.

O terceiro evento que levou os Estados Unidos a entrarem na guerra foi o infame Telegrama Zimmermann.

Este foi um telegrama enviado da Alemanha para o México, que fica na fronteira sul da América. A Grã-Bretanha interceptou a mensagem e, nela, a Alemanha pediu ao México que se aliassem a eles na guerra, e atacassem os Estados Unidos caso se eles declarassem guerra à Alemanha.

Em contrapartida, eles prometeram territórios em estados vizinhos, incluindo o Texas e o Novo México, que já haviam sido parte do México, e se ofereceram para financiar sua participação na guerra.

É importante ter em mente que os Estados Unidos tinham muitos interesses na América Latina e no Caribe, e a guerra com o México poderia tê-los deixado em perigo.

Isso não apenas agitou a segurança dos Estados Unidos, mas também os ajudou a perceber que a Alemanha representava uma ameaça direta aos Estados Unidos em casa. Eles já não consideravam aconselhável esperar para declarar guerra.

Por causa dos ataques de submarinos e do Telegrama de Zimmerman, em 1917, o povo americano havia mudado de idéia sobre a guerra e apoiado a decisão do governo de declarar guerra à Alemanha e às Potências Centrais.

Eles também foram convencidos pelos apelos de Wilson pela participação na paz. Ele convenceu muitos de que a eliminação da guerra pelo bem poderia ser possível. E assim, o Congresso declarou guerra em 6 de abril de 1917.

Apesar de ter sido eleito em um discurso anti-guerra, o presidente Wilson e seu governo estavam se preparando para a guerra, especialmente quando a Alemanha retomou a guerra submarina irrestrita no início de 1917.

No entanto, as forças armadas americanas eram pequenas, então uma das primeiras coisas que Wilson fez foi passar o Selective Service Act, que convocou quase três milhões de homens.

Indiscutivelmente, esses homens foram a contribuição mais importante da América para a guerra. As forças aliadas estavam exaustas de anos de luta e muitas foram mortas ou feridas.

As novas tropas americanas deram aos aliados um impulso que precisavam desesperadamente. Tornaram-se ainda mais vitais no final de 1917, quando a Rússia estabeleceu uma paz apressada com a Alemanha e saiu da guerra após a sua revolução.

Além disso, em 1918, uma epidemia global de gripe ocorreu e, em menos de dois anos, mataria mais pessoas do que a própria guerra. Ambos os lados ficaram ainda mais desesperados por tropas novas e saudáveis. Os aliados tinham essa vantagem nos americanos.

Em casa, os Estados Unidos instituíram rações em alimentos e itens vitais para o esforço de guerra, como têxteis e outros materiais. Culturalmente, a América tornou-se um lugar assustador para algumas pessoas.

Especialmente depois que os Estados Unidos declararam guerra à Alemanha, mas começando antes mesmo, um aspecto feio da frente interna era o intenso racismo contra os alemães.

Os Estados Unidos sempre tiveram uma história de discriminação contra grupos de imigrantes, mas o sentimento anti-alemão atingiu uma febre durante a Primeira Guerra Mundial. Os americanos acreditavam

genuinamente na ameaça de alemães desleais no meio deles. Seria pálido em comparação com o que os Estados Unidos fariam com os japoneses durante a Segunda Guerra Mundial, mas ainda assim é um período sombrio na história americana.

Mais amplamente, os Estados Unidos também se tornaram um lugar repressivo. A oposição à guerra não era aceitável. De fato, ser diferente - não-conforme - não foi tolerado de forma alguma durante a guerra.

Esses temores chegaram a um ponto mais alto depois que a Revolução Bolchevique comunista irrompeu na Rússia. Os americanos há muito temiam o radicalismo esquerdista, e a combinação da guerra global e a realização do comunismo criaram uma intensa atmosfera de medo.

Como resultado, o país experimentou uma manifestação de patriotismo e apoio à guerra. Enquanto há sempre aqueles que evitam ser convocados, o nível geral de apoio ajudou a vitória dos Aliados, que viria pouco mais de um ano e meio depois da América ter declarado guerra.

Capítulo Seis

Rússia e a guerra na Europa Oriental

"O governo considera o maior dos crimes contra a humanidade continuar esta guerra sobre a questão de como dividir entre as nações fortes e ricas, as fracas nacionalidades que eles conquistaram, e anuncia solenemente a sua determinação de assinar termos de paz para parar esta guerra".

—Vladimir Lenin, 1917

Várias vezes ao longo desta narrativa, a Rússia foi mencionada em relação à sua saída precoce da guerra, bem como a Revolução Russa que eclodiu em 1917.

No entanto, antes desses eventos, a Rússia fez contribuições importantes para os esforços de guerra dos Aliados. A experiência da Rússia durante os anos da Primeira Guerra Mundial foi uma das mais importantes de sua história. Lutar ao longo da Frente Oriental foi certamente consequente para o que estava acontecendo em outros lugares.

A Rússia foi à ofensiva no início da guerra. Pouco depois da guerra ter sido declarada, eles planejaram invadir a Prússia e a Áustria. Eles foram inicialmente bem-sucedidos quando invadiram a Galiza austríaca (atual Polônia), mas dois famosos líderes militares alemães, Hindenburg e Ludendorff, os empurraram de volta.

Apesar da industrialização e armamento imensamente inferiores em comparação com as Potências Centrais, a Rússia manteve seu poder ao longo da Frente Oriental, alcançando algumas vitórias.

Porém, a guerra trouxe à cabeça muito descontentamento que os russos tinham com a família real e o governo.

Durante grande parte da guerra, o czar Nicolau II estava na frente, ajudando a comandar os militares. Isso deixou sua esposa, Alexandra, encarregada dos assuntos domésticos.

Muita lenda envolve Alexandra e sua família. Ela não era russa de nascimento, mas alemã, e também relacionada à famosa rainha britânica Victoria. Em parte, porque as famílias reais da Europa se casaram tanto, ela era uma das várias famílias reais com uma doença crônica do sangue, a hemofilia.

Alexandra é talvez mais conhecida por seu relacionamento com Grigori Rasputin. Rasputin nasceu um camponês russo, mas tornou-se um curador místico e um conselheiro próximo da czarina. Especialmente depois que Nicholas saiu para acompanhar os militares, ele começou a ajudá-la a tomar decisões políticas.

Alguns acreditam que ele também usou suas supostas habilidades de cura para manipular Alexandra, especialmente quando seu filho e herdeiro do trono, Alexei, ficou mais doente por causa da hemofilia.

A família real era impopular antes da entrada de Rasputin em suas vidas; certamente, o crescente descontentamento da parte do povo russo com a realeza não se deveu apenas ao envolvimento dele. No entanto, ele veio simbolizar para muitos a incompetência e a desconexão da família real do povo russo.

Durante os anos revolucionários, Rasputin foi morto. Outro fator imensamente precipitante no advento da revolução foi a própria Primeira Guerra Mundial. Por muitas razões, o povo russo ficou chateado com a forma como a guerra foi tratada em casa.

A administração de Alexandra era certamente uma questão importante, mas a guerra também, especialmente quando os alemães e as outras potências centrais começaram a derrotar os russos e os empurrar para o seu território.

Em 1917, manifestações do povo russo, principalmente nas cidades, levaram o czar Nicolau a abdicar do trono em março. O Partido Bolchevique, liderado por Vladimir Lenin, tornou-se cada vez mais popular e acabou por tomar o poder.

Esta foi a revolução que introduziu o comunismo na Rússia e deu à luz a União Soviética, também conhecida como União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS).

A Revolução Russa continua sendo um dos eventos mais complexos da história do século XX. Por um lado, a Rússia não "se encaixava na conta" por se voltar para o comunismo.

Karl Marx, que teorizou o surgimento do comunismo, acreditava que seriam países com economias industrializadas mais avançadas. A Rússia ainda era em grande parte agrícola, sem o tipo de proletariado, deslocada, que Marx achava necessário para o comunismo emergir.

Lênin agiu rapidamente para acabar com a guerra com a Alemanha, especialmente quando a guerra civil em casa ficou mais séria. Os Aliados continuariam envolvidos nessa guerra civil, até certo ponto, tentando combater os comunistas.

As negociações foram concluídas em março de 1918 e, na superfície, o Tratado de Brest-Litovsk foi uma grande vitória alemã, pois concedeu a eles uma grande quantidade de terras.

No entanto, com novas terras surgiram novos desafios, os alemães agora tinham que administrar e controlar essa terra, que sobrecarregava ainda mais seus recursos limitados.

Embora a saída russa da guerra possa ter sido um golpe para os Aliados, logo depois, pode ter prejudicado a Alemanha mais do que ajudou. A Revolução Russa e a ascensão da Rússia comunista teriam repercussões duradouras, mas em 1917 e 1918, seus vizinhos tiveram que enfrentar questões mais urgentes.

OceanofPDF.com

Capítulo Sete

O Último Ano da Guerra

"Não me parece ser suficientemente reconhecido em todos os lugares entre os funcionários que a existência ou não-existência de nosso povo e do Império está em jogo."

—Paul von Hindenburg

A maré da guerra se transformou lentamente em 1917 e 1918. Os Aliados não venceram uma ou duas batalhas decisivas para virar a mesa como fariam com a Normandia na Segunda Guerra Mundial.

Primeiro, a guerra no sul da Europa e no Oriente Médio mudou em favor dos Aliados. A maioria das tropas egípcias e indianas, lutando pela Grã-Bretanha, começou a ganhar terreno e a empurrar os otomanos de volta.

A luta contra o Império Otomano terminou semanas antes da luta com a Alemanha; o Armistício de Mudros was foi assinado em 30 de outubro de 1918.

No início da guerra, a Marinha Britânica bloqueou a Alemanha e, em 1917, estava tendo um impacto sério. Esse movimento levou a Alemanha a restabelecer a guerra submarina irrestrita: eles precisavam ferir a Grã-Bretanha em resposta, impedindo-os de receber recursos vitais, incluindo alimentos para civis. Como lemos acima, esse foi um fator importante que levou os Estados Unidos a entrarem na guerra.

Nem tudo o que aconteceu durante esses anos foi a favor dos Aliados. Tropas de ambos os lados estavam cansadas e frustradas com a guerra. Dentro das forças armadas francesas, isso resultou em um motim em 1918, e cerca de 20.000 homens desertaram.

Os Aliados também perderam uma batalha importante na Batalha de Caporetto em outubro de 1917. No entanto, mesmo que isso fosse tecnicamente uma perda para os Aliados, acabou sendo um evento positivo para eles, pois levou os ingleses e franceses a formar o Conselho Supremo da Guerra.

Deste ponto em diante, os Aliados trabalhariam melhor juntos; os britânicos e franceses estabeleceram o Conselho, e cada um dos países aliados enviou um Representante Militar Permanente.

Apesar de terem apenas duas reuniões formais, essa cooperação fez a diferença para os Aliados, especialmente ao derrotar a Alemanha na Europa Ocidental e também após o revés de perder a Rússia.

Ao mesmo tempo, as alianças entre as Potências Centrais estavam desmoronando. Sem o conhecimento da Alemanha, o imperador austríaco iniciou conversações de paz com os Aliados em 1917.

Embora estes fracassassem, e os austríacos permanecessem na guerra, a Alemanha descobriu essas conversações e a relação entre a Alemanha e a Áustria tornou-se tensa. Eles praticamente não conseguiam mais trabalhar juntos, enquanto os Aliados faziam isso com maior facilidade.

Depois que os Estados Unidos declararam guerra em março de 1917, a Alemanha percebeu que estaria em grande desvantagem.

Certamente, a saída da Rússia foi um alívio bem-vindo, mas a traição da Áustria e as perdas crescentes dos otomanos também foram sentidas.

Assim, eles elaboraram planos para ação ofensiva; A operação Michael entrou em vigor em março de 1918. Os alemães esperavam separar as tropas britânicas e francesas, que trabalhavam mais cooperativamente, e capturaram Paris.

Eles quase conseguiram. A ofensiva começou em 18 de março e, em 24 de março, os alemães estavam a pouco mais de cem quilômetros da capital francesa. Mais uma vez, proteger Paris tornou-se uma prioridade. Enquanto isso, os alemães estavam exultantes, e isso significava que a vitória sobre os Aliados estava próxima.

Em resposta, o general Ferdinand Foch, um general francês que liderara suas tropas no Marne e fora nomeado Comandante Supremo Aliado, reabasteceu as unidades britânicas e francesas com americanos.

Foi uma loucura alemã, no entanto, que lhes custou o objetivo. Talvez exuberantes demais, os alemães esticaram suas linhas de suprimentos, e não puderam reabastecer adequadamente quando se aproximaram de Paris, especialmente porque muito de seu caminho foi destruído pelos combates que aconteceram nos últimos três anos e meio.

Além disso, eles não foram capazes de equipar suas forças com a própria artilharia ou tanques pesados que seriam necessários para capturar Paris. A ofensiva parou.

A Alemanha também lançou uma ofensiva ao norte, tentando controlar o Canal da Mancha, mas isso também falhou. Eles fizeram várias tentativas repetidas de tomar Paris até abril, incluindo a Segunda Batalha do Marne, mas não tiveram sucesso e acabaram perdendo muito do terreno que ganharam durante a Operação Michael.

Em apenas dois meses, eles perderam mais de um quarto de milhão de soldados, uma vez que o apoio à guerra em casa estava em queda livre.

Os aliados aproveitaram essas perdas alemãs devastadoras. A partir de agosto de 1918, eles lançaram o que veio a ser chamado de Ofensiva dos Cem Dias. Esta ofensiva resultaria no fim da Primeira Guerra Mundial.

Em 8 de agosto, esta campanha começou com a Batalha de Amiens. Localizado a cerca de 120 quilômetros ao norte de Paris, Amiens, foi uma importante vitória dos Aliados por várias razões.

Primeiro, muitas unidades e tropas alemãs se renderam. Isso devastou o moral alemão em casa e dentro das fileiras militares.

No entanto, teve o efeito oposto para os Aliados, especialmente os franceses, que viram tanta destruição e morte em seu solo. Os Aliados foram encorajados e, assim como os alemães tiveram após o sucesso inicial da Operação Michael, eles agora acreditavam que a vitória estava à vista.

E finalmente, a Batalha de Amiens marcou o fim da guerra de trincheiras. Tropas de ambos os lados vinham sofrendo nas trincheiras há anos no interior da Europa, lutando por centímetros de terra e perdendo um número impressionante de soldados no processo. Quando acabou, os exércitos estavam em um movimento de impulso incrível; os aliados finalmente sentiram que estavam ganhando.

Outra mudança de tática veio com a Batalha de Amiens. Depois de quatro dias de luta e quatro dias expulsando os alemães, a resistência alemã ficou mais forte. Os Aliados não estavam mais avançando. Nas batalhas anteriores, os dois lados em situações semelhantes continuaram lutando. Isso resultou em um impasse e, muitas vezes, na guerra de trincheiras, ou na reversão de ganhos anteriores. Então, em vez disso, os Aliados decidiram manter a linha e seguir em frente, concentrando-se em outro lugar.

Ao longo das próximas semanas, os Aliados foram vitoriosos de novo e de novo. Eles conseguiram empurrar de volta a linha alemã mais importante e bem defendida, a Linha Hindenburg, batizada em homenagem ao famoso oficial militar alemão Paul von Hindenburg, que havia saído da aposentadoria para servir na Primeira Guerra Mundial e que viria a servir como presidente da Alemanha de 1925 a 1934.

A maioria da liderança alemã percebeu em setembro que a derrota era inevitável. O governo alemão, no entanto, era complexo, e como essa rendição seria tratada, foi complicada por esse fato.

Líderes alemães, incluindo o kaiser e membros da família real, temiam que o moral das forças armadas fosse tão baixo que o motim - e até mesmo um golpe - fosse possível.

A situação da Alemanha deteriorou-se rapidamente. Esperando acabar com a guerra com dignidade, o almirante Ludendorff, tendo recentemente sofrido um colapso mental, ajudou a organizar uma última ofensiva naval, mas quando marinheiros alemães souberam de seu plano, eles se recusaram a participar.

Quando os Bálcãs caíram no controle dos Aliados e os alemães perderam o acesso ao petróleo, ficou claro que qualquer ação militar posterior por parte da Alemanha era fútil e até impossível.

Ludendorff foi demitido pelo imperador no final de outubro. Em seguida, o governo alemão se desfez. O príncipe Maximiliano, do território alemão de Baden, apelou inicialmente ao presidente dos Estados Unidos, Wilson, nas negociações de paz, pensando que os americanos seriam mais simpáticos do que os franceses ou britânicos.

Afinal de contas, os americanos haviam sofrido relativamente poucas perdas na guerra e só haviam se envolvido por um curto período de tempo.

Então, em 9 de novembro, o Partido Social-Democrata da Alemanha assumiu o controle, instituindo a República de Weimar. Toda a liderança do governo foi destituída de poder e o Kaiser Wilhelm fugiu do país.

A Bulgária já havia se rendido em setembro. No início de novembro, o Império Austro-Húngaro não apenas se rendeu como também desmoronou. A guerra acabou e as Potências Centrais foram derrotadas.

Ambos os lados concordaram com um armistício que entrou em vigor às onze horas da manhã de 11 de novembro de 1918, a décima primeira hora do décimo primeiro dia do décimo primeiro mês.

Assim, a luta terminou, mas os dois lados ainda estavam tecnicamente em guerra. As conversações de paz foram programadas para o ano seguinte (elas foram adiadas em parte por causa da pandemia de gripe), e a importante Conferência de Paz de Paris preparou o terreno para outro conflito mais devastador: a Segunda Guerra Mundial.

Capítulo Oito

A Conferência de Paz de Paris e o Impacto da Primeira Guerra Mundial

“Nós estávamos nos preparando não apenas para a paz, mas para a paz eterna. Havia sobre nós o halo de alguma missão divina. Estávamos empenhados em fazer coisas grandes, permanentes e nobres.

—Harold Nicolson, delegado britânico na Conferência de Paz de Paris

É importante notar que, quando a Primeira Guerra Mundial chegou ao fim, o mundo foi confrontado com outro evento devastador, uma pandemia de gripe que durou de 1918-1919.

Foi tão grave que matou mais pessoas globalmente do que a própria guerra. O número total não é conhecido, mas em algum lugar entre 20 e 40 milhões de pessoas morreram com esta cepa de gripe.

A pandemia de influenza certamente afetou toda a capacidade de combate dos soldados. Apareceu pela primeira vez na primavera de 1918, porém não foi mais mortal do que os surtos anteriores de gripe.

No entanto, voltou no outono, desta vez em forma mortal. Em alguns lugares, comunidades inteiras foram fechadas, muitas ficaram doentes porque o comércio e os serviços necessários - incluindo serviços médicos - estavam indisponíveis.

Ao mesmo tempo, enquanto soldados feridos lutavam para se recuperar, muitos sucumbiram ao vírus mortal, seus corpos eram incapazes de combater a gripe pois estavam muito enfraquecidos por ferimentos sofridos em batalha.

Assim, as forças armadas foram prejudicadas e o apoio civil foi grandemente distraído. Certamente isso ajudou a acelerar o fim da guerra. Também impactou a atmosfera da paz. Embora as Potências Centrais se rendessem, e a luta tivesse cessado, a morte, a destruição e o terror ainda reinavam. Para muitos em todo o mundo, que estavam cansados da guerra, o alívio parecia inexistente.

O envolvimento no acordo de paz foi uma das maiores razões pelas quais o presidente americano Woodrow Wilson queria lutar na Primeira Guerra Mundial.

Ele acreditava genuinamente que a Primeira Guerra Mundial era "a guerra para acabar com todas as guerras", e não gostaria que houvessem mais conflitos deste porte no mundo novamente.

Antes de chegar a Paris, Wilson trabalhou em seus famosos 14 Pontos. Estes foram os termos de paz que ele queria ver implementados.

No entanto, ele subestimou a quantidade de raiva que os Poderosos Aliados sentiram em relação à Alemanha e às outras Potências Centrais. Eles queriam que a Alemanha fosse punida especialmente por sua agressão na guerra.

O idealismo de Wilson o impediu de ver que seus 14 Pontos estavam condenados ao fracasso. O único que de fato foi estabelecido, era a Liga das Nações, um órgão internacional de governo.

Era fraco, praticamente incapaz de impor qualquer coisa, e os Estados Unidos nem sequer aderiram.

A Primeira Guerra Mundial não foi a “guerra para acabar com todas as guerras”. O Tratado de Versalhes, que foi o resultado da Conferência de Paz

de Paris, foi uma das principais causas da Segunda Guerra Mundial.

A Alemanha estava sobrecarregada com uma enorme dívida de guerra. Como a maior parte das brigas acontecia fora da Alemanha, eles tinham menos destruição para reconstruir do que outros países, mas mesmo assim seu governo foi destruído, sua população devastada e eles, como o resto do mundo, estavam enfrentando a epidemia de influenza.

A dívida de guerra - pagamentos que os alemães tinham que fazer aos países aliados para pagar os custos da guerra - debilitava sua economia. Para grande parte do resto do mundo, a Grande Depressão não duraria mais dez anos, mas a Alemanha não conseguiu se recuperar economicamente devido aos pagamentos da dívida de guerra.

Ironicamente, não conseguiu até que o país se voltou para o fascismo, onde eles alcançaram alguma estabilidade econômica.

Além disso, a Alemanha foi forçada a assumir a responsabilidade pela guerra, que foi devastadora para o povo alemão. Foi combinado com o que veio a ser chamado de "lenda da punhalada pelas costas"

Segundo essa lenda, a Alemanha não precisou se render; eles ainda eram capazes de continuar lutando. Eles se renderam porque o povo alemão não conseguiu manter seu patriotismo e o esforço de guerra.

De acordo com essa lenda, o esforço de guerra também foi sabotado por inimigos de dentro, ou seja, radicais políticos de esquerda e judeus. Certamente, essa lenda foi usada como alavanca poderosa por Hitler e os nazistas.

Com a assinatura do Tratado de Versalhes, a Primeira Guerra Mundial finalmente chegou ao fim oficial, cinco anos depois de ter começado. No

entanto, não trouxe paz consigo.

Dentro de duas décadas, seria reconhecido como uma das principais causas de outra guerra global.

OceanofPDF.com

Conclusão

As causas da Segunda Guerra Mundial simplesmente não podem ser compreendidas sem a Primeira Guerra Mundial.

Certamente, o fim da guerra tem muito a ver com isso. O tratado de paz não trouxe paz a nenhum dos combatentes; os alemães, franceses e britânicos, em especial, estavam profundamente zangados. Esses sentimentos persistentes de ressentimento continuaram a piorar até que eles irromperam, mais uma vez mergulhando o mundo na guerra.

A Primeira Guerra Mundial também afetou a Segunda Guerra Mundial de outra maneira. Sua lembrança pode ter atrasado a ação contra a Alemanha na Europa e o Japão na Ásia. As cicatrizes da Primeira Guerra Mundial não haviam sarado, e ninguém - muito menos os principais combatentes - estavam ansiosos para voltar a guerrear. Membros da Liga das Nações, o órgão internacional formado com a assinatura do Tratado de Versalhes, apaziguaram a Alemanha, permitindo que Hitler e os nazistas ganhassem terreno e avançassem no cometimento de compromissos.

A da Primeira Guerra Mundial deixou tantas feridas abertas que levariam décadas e milhões de mortes a mais para serem curadas. Embora não tenha sido a "guerra para acabar com todas as guerras", ela certamente mudou o curso da história moderna.

Posso pedir um favor?

Se você gostou deste livro, agradeceria se publicasse uma breve resenha na Amazon. Eu leio todos os comentários com carinho e os uso como motivação pessoal para novos livros.

Se você quiser ajudar, visite o link abaixo:

Clique aqui para deixar uma revisão

Obrigado pelo seu apoio e confira alguns de nossos ebooks abaixo com valores exclusivos, a partir de R\$ 1,99:



OceanofPDF.com